

A LESBIANIDADE NEGRA EM CONCEIÇÃO EVARISTO: ISALTINA CAMPO BELO

Celiomar Porfírio Ramos¹
Marinei Almeida²

RESUMO

Neste trabalho realizou-se uma leitura analítica da personagem Isaltina Campo Belo, presente no conto que leva o seu nome, um dos 13 contos que compõem a antologia *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016). O objetivo foi discutir, a partir da perspectiva interseccional, o conflito de gênero e de orientação sexual vividos pela personagem protagonista, desde a infância até a vida adulta, bem como, numa visão mais ampla, trazer reflexões sobre a violência perpetrada contra as mulheres que não estão de acordo com os padrões heteronormativos.

Palavras-chave: Violência, Mulheres, Gênero, Conceição Evaristo.

Considerações Iniciais

Nos últimos anos, os estudos relacionados às mulheres negras têm ganhado visibilidade na academia. Alguns pesquisadores brasileiros (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2011) e em nível internacional (COLLINS, 2012; hooks, 1984, 2000; DAVIS, 2016), para citarmos somente alguns, têm se dedicado a esse tema que, por um longo período, passou “desapercebido”. Os estudos de gênero e os movimentos feministas, em especial o feminismo negro, têm contribuído, de forma significativa, para que o tema seja estudado, cada vez mais, pois a mulher deixou de ser vista como um objeto e tornou-se sujeito na e da história, tendo voz, portanto, podendo expor seu ponto de vista, oportunizando, assim, discussões profícuas sobre si, sobre o mundo e, também, sobre a sociedade.

Quando propomos uma discussão sobre o tema mulheres, devemos ter em mente que, na contemporaneidade, o “ser mulher” varia muito, de acordo com o lugar, a classe social e o momento histórico (PISCITELLI, 2009). Estabelecendo relação com o exposto, Judith Butler (2017), filósofa estadunidense, fomenta que se alguém “é” uma

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso; Mestre em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. (celiomarramoss@hotmail.com);

² Doutora em Literatura Comparada de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP; Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (Universidade Federal de Mato Grosso) e do Programa de Estudos Literários (Universidade do Estado de Mato Grosso) (marinei.almeida@unemat.br).

mulher, isso não é tudo, pois o gênero, por não se representar de maneira coerente no que diz respeito ao contexto histórico, estabelece diálogo com outros aspectos, dentre os quais podemos citar os raciais, os classicistas, os étnicos, os sexuais e os regionais. Sendo assim, “[...] se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ de interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida” (BUTLER, 2017, p. 21).

A perspectiva de Piscitelli dialoga com a de Butler e traz à tona um elemento importante para se refletir sobre as mulheres: a perspectiva interseccional³. Isso se deve ao fato de que elas compreendem que as mulheres são múltiplas e plurais e, conseqüentemente, para tratar sobre elas é necessário estabelecer relações com outros elementos que influenciaram/influenciam sua constituição.

Fátima Lima (2018), ao tratar sob a perspectiva interseccional, realiza a seguinte afirmação: “Raça, interseccionalidade e violência: falar sobre raça, gênero, sexualidade, a partir de uma perspectiva interseccional constitui uma tarefa um tanto provocadora, pois coloca três marcadores dinâmicos da diferença – raça, gênero e sexualidade – em debate” (LIMA, 2018, p. 101).

O exposto demonstra o quanto é relevante e, também, desafiador adotar a perspectiva acima, pois ela coloca em evidência categorias da diferença, logo, podemos compreendê-la como elemento fundamental para pensar parte da sociedade, sobretudo, as ditas minorias, nas quais estão inseridas as mulheres negras subalternizadas em virtude de, no mínimo, três aspectos: ser mulher, ser negra e, geralmente, ser oriunda das classes menos favorecidas⁴.

Isto posto, propomos realizar uma leitura analítica, a partir da perspectiva interseccional, refletindo sobre o corpo feminino negro que foge do padrão heterossexual, situado numa sociedade patriarcal, racista e machista. Para isso, tomamos

³ “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

⁴ Temos consciência de que não devemos generalizar afirmando que “geralmente” as mulheres negras são oriundas das classes menos favorecidas, porém tal afirmação tem como base a pesquisa apresentada por Márcia Lima, Flávia Rios e Danilo França, intitulada: “Articulando Gênero e Raça: a participação da mulher negra no mercado de trabalho (1995 – 2009)”, que demonstra que a mulher negra, em virtude de questões raciais e de gênero, recebe menos, tem menos oportunidades no mercado de trabalho o que, conseqüentemente, reflete em sua condição social.

como *corpus* de análise o conto *Isaltina Campo Belo*, presente na obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016).

Isaltina Campo Belo: uma leitura interseccional

A produção literária da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo tem alcançado espaço e visibilidade no meio acadêmico, não somente aqui, no Brasil, como em outros países, oportunizado que a mulher negra que, outrora, na literatura brasileira, figurava apenas em lugares subalternos, muitas vezes estereotipada, por ser constituída a partir da ótica de homens, brancos, oriundos dos grandes centros, como demonstra Regina Dalcastagnè (2007), agora, é apresentada sob a perspectiva de outra mulher, que carrega consigo o fato de ser mulher e negra.

É preciso ter em mente, quando falamos sobre mulheres negras, que há elementos dentro desse grupo que as subdividem; temos as mulheres negras ricas, pobres, instruídas formalmente, sem instrução formal, heterossexuais, lésbicas, transexuais e outros subgrupos. Sendo assim, não é coerente, ao realizar uma leitura acerca da mulher negra, tomar todas como um todo, pois há elementos que as une, como o fato de ser mulher e negra, bem como, outros que as fracionam.

É pensando nisso que selecionamos o conto *Isaltina Campo Belo*, pois temos uma mulher negra e lésbica. Se a mulher negra foi apresentada na literatura de forma estereotipada e, apenas, como objeto na/da literatura, as mulheres negras lésbicas foram “esquecidas” ou “apagadas”, possivelmente de maneira proposital nos textos literários.

Em virtude desse “esquecimento” e/ou “apagamento” proposital das mulheres negras lésbicas nas produções literárias, é que o conto em análise se torna extremamente relevante, pois traz à tona elementos que subalternizam a personagem, primeiramente, pelo fato de ser mulher, posteriormente, pelo fato de ser negra e, por fim, em virtude do gênero da protagonista do conto, *Isaltina Campo Belo*. Podemos perceber que o estabelecimento de relações entre esses elementos torna possível uma leitura analítica mais coerente e necessária, pois reflete sobre as particularidades do grupo ao qual a personagem pertence.

Fátima Lima (2018), em seu texto intitulado *Corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas*, realiza algumas considerações que dialogam com o exposto, afirmando que as lésbicas negras têm seu corpo-subjetivação

atravessado por três fortes eixos de opressão: raça, gênero e sexualidade. Ela ressalta que não existem apenas esses eixos de opressão, há outros, dentre os quais, classe, geração, território, entre outros que, somados, acentuam os processos de exclusão.

Conceição Evaristo, assim como outras autoras negras, visa rasurar os estereótipos criados acerca das mulheres negras, “[...] vestindo a personagem negra feminina com novos significantes que indiciam outras possibilidades de significância e de interferência nos processos de alçamento do corpo feminino como corpo de linguagem” (MARTINS, 1996, p. 112). Dado o exposto, visando reestruturar o imaginário da mulher na literatura, muitas vezes, as escritoras negras elegem o corpo feminino como tema de sua produção.

A obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* é constituída por treze contos, todos eles tendo como título o nome de mulheres negras que são, via de regra, as protagonistas. *Isaltina Campo Belo*, conforme já indicado, retrata, por meio da memória, a história da personagem, desde sua infância. Ao realizar a leitura desse texto, compreendemos que há duas vozes presentes no conto: a voz da narradora que, às vezes, se confunde com a voz da autora, aspecto que pode ser visto como uma estratégia de produção de Conceição Evaristo, em especial se considerarmos a seguinte afirmativa “[...] da voz outra, faço a minha, as histórias também” (EVARISTO, 2016, p. 7). Há, também, a voz da própria personagem que, na incapacidade de a narradora de relatar a experiência cruel vivida pela personagem, oportuniza que ela conte sua história, conforme é possível verificar no seguinte fragmento: “[...] eu tive a impressão de que Campos Belo falava para a filha e não para mim. Não fiz uma interferência, nenhuma pergunta. Guardei o silêncio, o momento de fala não era meu” (EVARISTO, 2016, p. 56). Tais excertos, em certa medida, sustentam a leitura realizada de que há duas vozes narrativas no texto, porém a que sobressai é a da personagem, pois, conforme mencionado pela autora, o momento é da personagem protagonista relatar suas memórias.

No início do conto, a voz narrativa da autora apresenta a protagonista e afirma que estamos tratando de uma mulher negra, Campo Belo, como prefere ser chamada e que tem uma filha de 35 anos, Walquíria. Posteriormente, Campo Belo ao ser oportunizada a falar, relata que, desde a infância, carrega consigo um grande conflito acerca de sua identidade e gênero, pois, apesar de ter nascido com o sexo biológico de

uma mulher, não se sentia como uma, o que é evidenciado no seguinte fragmento: “[...] desde menina – assim começou Campo Belo, com a foto de Walquíria nas mãos – eu me sentia diferente” (EVARISTO, 2016, p. 53).

Os elementos textuais do excerto acima nos levam à compreensão de que Campo Belo não deu início apenas à narrativa de seu conflito, mas evidencia que a sua vida começou com um conflito, em virtude da inadequação aos padrões sexuais, o que a faz se sentir “diferente”. Apesar de pertencer a uma família tradicional e “estruturada”, segundo os padrões sociais - com mãe, pai e irmãos -, ainda assim há certa inadequação:

Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia. Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber. Tinham me dado nome errado, me tratam de modo errado, me vestiam de maneira errada... Estavam todos enganados. Eu era um menino (EVARISTO, 2016, p. 57)

A personagem, ao narrar seu conflito, traz à tona alguns elementos importantes: primeiramente, o fato de ninguém perceber o conflito de gênero que ela está vivenciando desde a infância. O “ninguém perceber”, aqui, pode ser compreendido de duas formas: o não perceber de fato o conflito de gênero que Campo Belo estava vivendo, ou, por outro lado, pode ser que a família tenha “fechado os olhos” para a situação. Campo Belo se vê intrigada por pertencer a uma família com pessoas instruídas, o pai funcionário público e a mãe enfermeira do grande hospital público da cidade, todavia, apesar da instrução, eles jamais enxergaram o conflito por ela vivenciado.

O conflito de gênero se instaura muito cedo; a personagem relata que, com menos de cinco anos de idade, ela já se percebe diferente: “[...] ainda novinha, talvez antes mesmo dos meus cinco anos, eu já descobrira o menino que eu trazia em mim e acreditava piamente que, um dia, os grandes iriam perceber o erro que estavam cometendo” (EVARISTO, 2016, p. 58). No fragmento em questão, podemos perceber que há, sempre, uma expectativa de que o(s) outro(s) compreenda(m) o conflito que ela vivencia, porém a falta de diálogo e de esclarecimento acerca do tema faz com que Campo Belo carregue dúvidas acerca de sua identidade de gênero e viva o conflito descrito, com o sentimento de inadequação.

Discutir sobre gênero, sobretudo, no âmbito de uma família tradicional, continua sendo um tabu e, em alguns casos, não é aceito. A ausência de discussões sobre o tema no âmbito familiar, portanto, leva o indivíduo, como é o caso de Campo Belo, a um conflito que começa desde a mais tenra infância até a vida adulta e, em alguns casos, tem como consequência um desfecho traumático. Campo Belo, ao tratar sobre a relação com a família e a falta de sensibilidade para perceber seu conflito de identidade de gênero, relata:

Até eu completar dez anos, mais ou menos, descia alternando um sentimento de ódio e de amor por minha mãe. A todos eu perdoava o desconhecimento que tinha a meu respeito, menos à minha mãe. Impossível acreditar que ela não soubesse quem eu era. Por que ela agia daquela forma comigo? Quanto ao meu irmão e minha irmã, eu os supunha muito ingênuos, distraídos até. Como meu irmão não percebia que eu era igual a ele e como a minha irmã não percebia que eu era diferente dela? E minha mãe sempre cumprindo o papel de minha almoz. Por que ela não corrigia os demais? De meu pai, não sei o porquê, nunca pensei que ele pudesse me ajudar nas inconfessáveis urgências de minha infância (EVARISTO, 2019, p. 59)

Conceição Evaristo, ao trazer para o centro de sua escrita questões de gênero, pensando a mulher negra e, neste caso, a mulher negra com um conflito acerca de sua identidade de gênero, contribui de forma significativa para que aspectos até então “esquecidos” e/ou “silenciados” sejam debatidos. Além disso, possibilita refletir sobre a responsabilidade de alguns eixos da sociedade, em especial da família, em discutir temas que ainda hoje são considerados tabus no âmbito familiar.

O sentimento de inadequação e o fato de se sentir diferente se acentuam ao longo dos anos ao ponto de a narradora protagonista chegar à conclusão de que ela estava fora do lugar, pois, apesar de acreditar que carregava um menino dentro de si, ou seja, de se sentir como um menino, ela percebia que seu corpo, assim como o de sua irmã, tinha as mesmas mudanças, enquanto o corpo do seu irmão ganhava outros contornos: “[...] lembro-me de que fui invadida por certo sentimento, que não sei explicar até hoje, uma sensação de estar fora de lugar. Eu via o meu corpo parecer com o de minha irmã e se diferenciar do porte de meu irmão” (EVARISTO, 2016, p. 61).

Neste momento, constatamos o que podemos denominar como a vivência de um conflito de identidade de gênero, pelo fato de a personagem, nesse contexto, não se reconhecer como mulher, apesar de possuir a genitália feminina e seu corpo se

desenvolver como o de uma mulher. O conflito não se resume à identidade de gênero, uma vez que a Campo Belo relata que se sentia atraída por mulheres, ou seja, estamos tratando também da orientação sexual da personagem, todavia, ela reprime seus desejos, conforme é possível verificar no seguinte fragmento:

O que me confundia era o caminho diferente que os meus desejos de beijos e afagos tendiam. E, por isso, acabei de crescer, contida. Amarrava os meus desejos por outras meninas e fugia dos meninos. Em toda a minha adolescência, vivi um processo de fuga. Recusava namorados, inventava explicações sobre o meu desinteresse sobre os meninos e imaginava doces meninas sempre ao meu lado. Até que, um dia, dolorosamente tudo mudou (EVARISTO, 2016, p. 62).

Campo Belo traz elementos importantes que possibilitam discussões relevantes sobre os conflitos presentes na vida de uma adolescente, e, aqui, mulher negra, que não se encaixa aos padrões heteronormativos, dentre eles, o fato de crescer contida, tendo como resultado a repressão dos desejos e, também, a constante fuga e justificativa do desinteresse pelo sexo oposto.

Além desses elementos que, em certa medida, oprimem a mulher que não se encaixa nos padrões heteronormativos, temos, ainda, mais um que é mencionado por Campo Belo, o qual diz respeito à cobrança constante da sociedade para com a mulher de estabelecer uma relação amorosa/afetiva com o sexo oposto. Em alguns casos, como o da personagem, essa cobrança acontece de forma mais acentuada no âmbito familiar, pois já há um lugar instituído socialmente à mulher: primeiramente, ser filha, depois, ser namorada, por conseguinte, ser esposa e, por fim, tornar-se mãe.

Considerando o fato de que Campo Belo não se encaixava como mulher nos padrões “convencionais” impostos socialmente, seu ímpeto foi mudar de cidade, buscando um mundo que a coubesse, onde não houvesse cobranças, ou, pelo menos, a cobrança acerca dos papéis impostos à mulher fossem menos incisivos:

Resolvi sair de casa, mudar de cidade, buscar um mundo que me coubesse. Mas que me coubesse sozinha. E achei, ou melhor, acreditei ter achado. Com um diploma nas mãos e algum conhecimento de enfermagem, parti para a cidade, buscando emprego e mais estudos. Ali fiz amigos e, por uns tempos, ninguém me perguntou nada que eu não soubesse ou quisesse responder. Meus dias seguiam tranquilos (EVARISTO, 2016, p. 63).

A fuga, principalmente do âmbito familiar, é, muitas vezes, a solução para aqueles que não se encaixam nos padrões da heteronormatividade. A narradora protagonista utiliza esse elemento como uma tentativa para se livrar das cobranças e, por um período, obteve êxito, uma vez que ninguém a incomodava com questionamentos a que ela não quisesse responder. Todavia, o fragmento apresenta elementos textuais que nos levam a compreender que é possível evadir-se do ambiente familiar, mas não das cobranças da sociedade patriarcal, na qual o papel das mulheres está previamente estabelecido.

Corroborando o exposto, com o passar do tempo, um colega de faculdade de Campo Belo começa a se encantar por ela e, apesar de ela se entender como “[...] uma moça a esconder um rapaz, que eu acreditava existir em mim”, cede às investidas e inicia o namoro. Vale ressaltar que esse relacionamento é definido por Campo Belo como “[...] um namoro sem jeito, só de palavras e gestos comedidos”. O fragmento em questão nos leva a compreender que, por um período, o relacionamento se restringiu a afagos e palavras, não contemplando o sexo.

Dado o vínculo de confiança estabelecido entre ela e o namorado, quando ele tentou ir mais adiante no relacionamento, ou seja, tentou fazer sexo com Campo Belo, ela, sem apresentar desejo algum, decidiu se abrir com ele:

Um dia, em que ele desejava beijos e afagos, e eu sem desejo algum, sem nada a me palpitar por dentro e por fora, falei de minha vida até ali. Falei do menino que carregava em mim desde sempre. Ele, sorrindo, dizia não acreditar e apostava que a razão de tudo deveria ser algum medo que eu trazia escondido no inconsciente. Afirmava que eu deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria. Ele iria me ensinar, me despertar, me fazer mulher. E afirma, com veemência, que tinha certeza de meu fogo, pois afirma, eu era uma mulher negra, uma mulher negra... (EVARISTO, 2016, p. 63-64)

Campo Belo, ao revelar para o namorado sobre o menino que trazia dentro de si, desde a infância, busca romper o silêncio que carregou consigo desde o momento em que tomou consciência desse conflito, na infância. Ao contrário do que ela esperava – compreensão -, a personagem é surpreendida com outra atitude. O namorado, entre risos, afirmou que não acreditava em tudo o que ela estava dizendo e complementa que ela deveria gostar muito de homem.

É importante mencionar que ele utiliza o advérbio de intensidade “muito”, duas vezes, buscando enfatizar e, ao mesmo tempo, convencer Campo Belo de seu posicionamento. O namorado de Campo Belo, que não é nomeado no conto, ao apresentar esse posicionamento, representa uma sociedade heteronormativa e patriarcal, a qual compreende a orientação sexual apenas sob a perspectiva binária da heterossexualidade, ou seja, o imaginário de mulher por ela apresentado é aquele de que a mulher, necessariamente, é heterossexual e, conseqüentemente, gosta “muito e muito de homem”. Além disso, a partir da fala do personagem, o discurso por ele apresentado demonstra que não aceita as demais identidades de gênero que destoam da cisgeneridade⁵.

Ainda tratando do excerto acima, deparamo-nos com a reverberação de um dos inúmeros estereótipos que as mulheres negras historicamente carregam, talvez, o mais costumeiro: a hiperssexualização das mulheres por serem negras. Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior (2019), ao abordarem os estereótipos de mulheres negras, referindo-se especialmente ao cinema brasileiro, porém podendo ser aplicado as outras artes, dentre elas a literatura, afirmam:

[...] a representação das mulheres pardas ou “mulatas” como símbolo sexual faz parte de uma iconografia festejada dentro de uma concepção de nação brasileira miscigenada. Não obstante, essas representações encobrem a violência sofrida pelas mulheres como fruto da hiperssexualização dos seus corpos (DAFLON, 2014). A figura da “mulata” costuma ser apresentada como um objeto sexual ao qual não é creditado a possibilidade de reconhecimento mútuo em relações de amor e afeto (CANDIDO; JUNIOR, 2016, p. 3)

A discussão apresentada acima é confirmada pela fala do namorado de Campo Belo, ao afirmar com veemência que, por ser negra, ela “tinha fogo”. O termo fogo aqui é apresentado de forma conotativa, sendo sinônimo de hiperssexualização, de que seria normal essa mulher, por ser negra, ter apetite sexual acima das mulheres que não eram negras.

Após Campo Belo relatar ao pretenso namorado o conflito de gênero que ela vivia, os dois se tornaram amigos, pelo menos, era em que a personagem acreditava.

⁵ Segundo Jesus (2012, p. 10) “chamamos de cisgênero, ou de “cis”, as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento”.

Certo dia, ele a convida para uma festa de aniversário a que iria com alguns colegas de trabalho e acontece o seguinte fato:

Nunca poderia imaginar o que me esperava. Ele e mais cinco homens, todos desconhecidos. Não bebo. Um guaraná me foi oferecido. Aceitei. Bastou. Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão de meu corpo; diziam, entre eles, que estavam me ensinando a ser mulher (EVARISTO, 2016, p. 64)

A violência perpetrada contra Campo Belo já ocorrera desde o momento em que ela se abriu com o namorado, acerca do conflito de gênero que sofria. Ele não levou a sério tal confissão, pelo contrário, além de não dar crédito a ela, não aceitou tal premissa. Porém, podemos notar que, aparentemente, é uma violência sutil, que neste contexto, utilizando o termo cunhado por Bourdieu (2017), compreendemos como violência simbólica, compreendida como uma “[...] violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas [as mulheres]” (BOURDIEU, 2017, p. 12). Porém, a violência em questão toma proporções maiores, chegando à violência física, o estupro coletivo, cinco homens “[...] deflorando a inexperiência e a solidão” do corpo da personagem, com uma única finalidade: ensinar Campo Belo a ser mulher.

A violência, segundo afirma Constância Lima Duarte (2016), é um tema pouco abordado na literatura produzida por mulheres, e, quando tratada, reduz-se a uma violência simbólica. Entendemos que a escrita afro-brasileira, em certa medida, rompe com esse paradigma, sendo a produção de Conceição Evaristo exemplo claro de uma escrita que traz à tona a violência, aliás, as violências de que as mulheres negras são vítimas, uma vez que elas são as protagonistas em sua produção literária. O termo violência aqui é utilizado no plural, pois, segundo Irme Salette Bonamigo (2008), não há como pensar na contemporaneidade o termo violência no singular, pois ele comporta múltiplos significados.

Campo Belo, após ser vítima da violência sexual, por nojo, vergonha e por se sentir impotente, tem somente uma reação: o silêncio, sendo ele rompido trinta e cinco anos após o estupro, uma vez que, até então, Campo Belo jamais havia relatado o ocorrido a ninguém.

O resultado do estupro foi uma gravidez “[...] uma possibilidade, na qual eu nunca pensara, nem como desejo, e jamais como um risco” (EVARISTO, 2016, p. 65),

percebida após o sétimo mês, dado o quanto foi traumática a violência sofrida pela personagem. Embora Walquíria, a filha, tenha sido resultado de um estupro, Campo Belo afirma que vivia para ela, como um ato de superação, não permitindo que a violência sexual sofrida interferisse na relação entre elas: “[...] eu vivia por ela. Tudo em mim adormecido, menos o amor por minha filha. Entretanto, bons ventos também sopram. E quem me trouxe o vento da bonança foi ela, minha filha. Como? Digo eu, como” (EVARISTO, 2016, p. 66).

É importante pensar que outra mulher, a filha, possibilitou que Campo Belo, apesar das dores e traumas, continuasse a seguir adiante. Esse aspecto nos remete ao termo sororidade, compreendido por Bernardes (et al, 2016, s/p) como:

[...] a sororidade, enquanto termo e enquanto sentimento, surge e se fortalece da necessidade das mulheres de compartilharem experiências subjetivas a partir de relações positivas e saudáveis umas com as outras, formando e fomentando alianças pessoais, sociais e políticas, empoderando-se e criando elos importantes para combater e eliminar as diversas formas de opressão perpetuadas ao longo dos séculos pelo patriarcado.

A partir do conceito de sororidade, entendemos que Walquíria e Campo Belo formam uma aliança que visa, sobretudo, superar as marcas indelévels deixadas pela violência em Campo Belo, ainda que Walquíria não tenha consciência disso.

O nome das duas personagens são extremamente significativos neste contexto, pois Campo Belo, embora tenha o primeiro nome seja Isaltina, gosta de ser chamada de Campo Belo, possibilitando inferir que, apesar dos traumas sofridos, ela insiste em permitir que o trauma sofrido não impeça que brote em si o amor, personificado, aqui, pela filha, que tem o nome de uma flor. Walquíria não só é a personificação do amor, mas é aquela que indiretamente medeia o amor de sua mãe com outra mulher:

Na primeira reunião do jardim de infância, em que matriculei Walquíria, naquele momento, apreendi não só as orientações que a professora transmitia às mães das crianças, mas também o olhar insistente da moça em minha direção. E foi então que o menino que habitava em mim reapareceu crescido (EVARISTO, 2016, p. 66).

A ideia de sororidade volta a ser latente aqui, pois quando Walquíria intervém indiretamente na relação entre Campo Belo e a professora, Miríades, tem como

resultado a fomentação de uma aliança entre mulheres, vale ressaltar que são mulheres que não se encaixam no padrão heteronormativo. Essa aliança tem como resultado a resolução de um conflito interno acerca do gênero, que Campo Belo carregava desde a infância:

Não havia um menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim. Eu, até então, encarava o estudo como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens. Naquele momento, sob o olhar daquela moça, me dei permissão pela primeira vez. Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar a minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejam o homem. E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam (EVARISTO, 2016, p. 66 – 67).

O encontro com Miríades é, sem dúvidas, um divisor de águas na vida de Campo Belo. Isso se deve ao fato de que, ao ter esse encontro, Isaltina, conforme já mencionado, tem a oportunidade de resolver conflitos internos e chegar a algumas conclusões, dentre elas, (1) o fato de que ela era uma mulher cisgênero lésbica; (2) que as violências sofridas – violência simbólica, física e sexual - não era um castigo merecido por ela não se encaixar nos padrões, mas uma violência gratuita, fruto de uma sociedade machista e patriarcal que, muitas vezes, não aceita e, ao invés disso, rechaça aqueles que não se encaixam nos padrões por eles tidos como “normais”; (3) o encontro entre Campo Belo e Miríades permitiu que a primeira se aceitasse como mulher e como lésbica. O termo aceitar, neste contexto, torna-se significativo, quando Campo Belo encontra alguém que, assim como ela, é uma mulher que se permite se encantar por alguém do mesmo sexo; (4) o processo de aceitação é, considerando o conto, muitas vezes, demorado e, também, pode ser dolorido, uma vez que se torna necessário enfrentar a si mesmo até chegar à conclusão de que pode se encantar por alguém do mesmo sexo e, também, por ter que enfrentar a sociedade e os padrões impostos por ela; (5) por fim, a narradora protagonista chega à compreensão de que as mulheres são múltiplas e diversas e, por isso, não precisa se encaixar nos padrões impostos socialmente, constata-se isso quando ela afirma “[...] eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam”.

Tal encontro torna-se ainda mais significativo quando possibilita a Campo Belo que ela aprenda a se conhecer, a se aceitar e instaure a paz dentro de si, depois de viver

a infância, a adolescência e parte da vida adulta submersa em um conflito acerca de sua identidade de gênero e sua orientação sexual. Campo Belo define o encontro com Miríades como um chamamento à vida: “[...] e todos os dias passaram a ser nossos. Como um chamamento à vida, Miríades me surgiu. Eu nunca tinha sido de ninguém em oferecimento, assim como corpo algum tinha sido meu como dádiva. Só Miríades eu tive. Só Miríades me teve” (EVARISTO, 2016, p. 67).

Mencionado anteriormente, Campo Belo, no conto, narra suas memórias e, a partir do presente, “olha” para seu passado. Miríades, no momento em que a narradora protagonista relata a sua história não está mais viva, como Campo Belo descreve “[...] ela já faz parte do espaço eterno”. Todavia, deixa bem claro que Miríade foi de suma importância para que ela, como mulher se encontrasse, se aceitasse e, por fim, fosse feliz, aliás, que fossem felizes, ao escrever “[...] tamanha foi a nossa felicidade. Das três. Miríades, Walquíria e eu” (EVARISTO, 2016, p. 67).

Considerações (In)Conclusivas

O conto *Isaltina Campo Belo* nos permite, por meio da memória da personagem protagonista, refletir acerca da mulher, aqui, em especial, a mulher negra, uma vez que ela é negra, não se encaixa nos padrões heteronormativos e nos faz pensar ainda nos inúmeros conflitos que as pessoas podem enfrentar quando não se encaixam nos padrões sociais impostos acarretam. Além disso, permite refletir o quanto a sociedade, pensando a sociedade machista e patriarcal na qual estamos inseridos, pode ser cruel e violenta com as ditas minorias, mais especificamente, estamos pensando nas mulheres lésbicas, pois há um lugar historicamente destinado à mulher e, caso ela não se encaixe, a família e os homens, de modo geral, tentarão a qualquer custo, como aconteceu com Campo Belo, moldar essa mulher, mesmo que de forma violenta, para inseri-la nos modelos impostos

A leitura deste conto fica, sem dúvida, um tanto mais coerente, sobretudo, quando tratamos de gênero, quando adotada a perspectiva interseccional, pois, como mencionado, no início, quando pensamos sobre a “mulher”, devemos ter em mente que elas são múltiplas e diversas e, por isso, o fato estabelece diálogo com outros aspectos que influenciarão suas vidas, como ocorreu no conto analisado.

Pensar sobre a mulher, hoje, em especial, a mulher negra, protagonista na escrita de Conceição Evaristo, é, sem dúvida, de extrema relevância, pelo fato de refletir sobre o lugar histórico destinado à mulher negra, os estereótipos criados para e sobre elas, as violências a que elas são expostas e, conseqüentemente, tentar rasurar esse imaginário, possibilitando, assim, não apenas contar as histórias a partir da perspectiva de mulheres negras, mas (re)construir histórias e demonstrar que elas, apesar de todos os ventos que sopram contra, continuam superando, (re)existindo e ressignificando a história individual e a do grupo ao qual pertencem: o de mulheres negras.

Referências Bibliográficas

BENARDES, C. R. O. et al. O que é Sororidade e por que precisamos falar sobre? In *Carta Capital*, jun. 2016. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2016/06/02/oque-e-sororidade-e-por-que-precisamos-falar-sobre/>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2020.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, e54549, 2019.

CARNEIRO, Sueli. *Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista de Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. *A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea*. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18- 31, dezembro 2007.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Cultura e Política*. São Paulo, Boitempo, 2017.

_____. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo, Boitempo, 2016.

DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário feminino. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário. *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016. p.147-57

Revista de Letras Norte@mentos

Estudos Literários, Sinop, v. 14, n. 35, p. 34-49, jan./jun. 2021.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

_____. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

_____. *Becos da memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2017.

_____. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

_____. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2017

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p 223-244

HOOKS, bell. Black Women: Shaping Feminist Theory. In: _____. *Feminist Theory from Margin to Centre*. Cambridge: South End Press, 1984.

_____. Feminist Politics. In: _____. *Feminism is for everybody – Passionate Politics*. Cambridge, South and Press, 2000.

LIMA, Fátima. Raça, Interseccionalidade e Violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. *Cadernos de Gênero e Diversidade*. Vol 04, N. 02 - Abr. - Jun., 2018.

PISCITELLI, Adriana. “Gênero: a história de um conceito”. In: BUARQUE DE ALMEIDA, H.; SZWAKO, J. (org.). *Diferenças, igualdade*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009. pp. 116-148.

THE BLACK LESBIANITY IN CONCEIÇÃO EVARISTO:

ISALTINA CAMPO BELO

ABSTRACT

In this article an analytical reading of the character *Isaltina Campo Belo*, present in the tale that bears her name, one of the 13 stories that make up the anthology *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016) has been carried out. The objective was to discuss, from the intersectional

perspective, the conflict of gender and sexual orientation experienced by the protagonist character, from childhood to adulthood, as well as, in a broader view, to bring reflections on the violence perpetrated against women who are not in accordance with heteronormative patterns.

Keywords: Violence, Woman, Gender, Conceição Evaristo.

Recebido em: 29/09/2020

Aceito em: 20/12/2020